

***D. W. Winnicott***  
***TUDO COMEÇA***  
***EM CASA***

*Tradução PAULO SANDLER*

*Giovannetti*

**Martins Fontes**  
São Paulo 1999

## **Sum: *Eu sou* \***

*Palestra proferida na Association of Teachers of Mathematics, durante sua Conferência de Páscoa em Whitelands, Putney, Londres, 17 de abril de 1968*

Seria melhor, sem dúvida, que eu ficasse aqui restrito à minha área, ou seja, a psiquiatria infantil e à teoria do desenvolvimento emocional da criança, que é derivada da psicanálise, e portanto, em última análise, de Freud. *Conheço alguma coisa* de meu ofício; dele tenho prática e experiência acumulada. Na área da matemática e do ensino, sou muito *ignorante*. O aluno mais novo de vocês sabe mais do que eu. Se não fosse pelo fato de o sr. Tahta, desde a primeira carta que me enviou, ter demonstrado estar ciente de que pertenco a uma especialidade alienígena à de vocês e que de mim ele só poderia esperar um comentário sobre a ecologia do jardim específico que cultivo, eu não teria aceitado o convite que ele e vocês me formularam.

Até mesmo o título, “*Sum*: eu sou”, me atemoriza. Pode-se interpretá-lo como indicativo de que eu seja um acadêmico verificado nos clássicos ou um mestre em etimologia, pois, meses atrás, instado a fornecer um título, pensei: “Bom, como vou falar sobre o estágio do *eu sou* durante o desenvolvimento do indivíduo, então poderia ser proveitoso vincular isso com a pala-

.....

\* *Sum*, verbo ser em latim; em inglês soma, síntese, resumo, total. (N. da R.)

Rex erit qui recte faciet;  
Qui non faciet, non erit.<sup>1</sup>

Isso constitui, sem dúvida, uma versão sofisticada do estágio do EU SOU, sendo que só se permite o EU SOU ao rei.

Poder-se-ia tentar saber como é que se fazia uma soma antes do advento do monoteísmo. O que quero dizer é que a palavra “unidade” não tem o menor significado a não ser na medida em que o ser humano seja uma unidade. Em outro contexto poderíamos estar discutindo o uso do pronome pessoal “eu”, o qual, tenho a impressão, é o primeiro pronome do discurso da criança. No entanto, esse assunto não fica aqui muito claro, pois as palavras verbalizadas podem vir muito depois do entendimento da linguagem, e processos mentais extremamente complexos dizem respeito a um período que precede a verbalização.

Vocês perceberão com facilidade onde estou querendo chegar: à idéia de que a aritmética começa com o conceito de *um*, e que isso deriva – necessariamente – do *self* unitário de toda criança em desenvolvimento. Esse estado representa algo que se conseguiu durante o crescimento, embora haja a possibilidade de ele nunca ser alcançado.

Neste momento preciso fazer uma interrupção para lidar com uma complicação imensa. O que fazer com o processo intelectual que foi cindido? A matemática superior pode funcionar aqui separada das realizações ou não-realizações do indivíduo em termos do estado de unidade. Reconhece-se o mesmo problema em outros campos. Considerem, por exemplo, o caso de um juiz frente a uma homologação de partilha de alguém que morreu sem ter feito (talvez por não poder fazê-lo) um testamento; ou o filósofo que não sabe a data, ou o dia da semana; ou o físico de grande fama, como o falecido mestre de

.....

1. De *The Oxford Dictionary of Nursery Rhymes*, editado por Iona e Peter Opie, Oxford University Press, 1951.

Trinity, Cambridge, que podia ser visto andando pelas ruas colocando um pé na calçada e o outro na sarjeta (daí a necessidade de se ter um Hobson's Brook entre a calçada e a rua na rua Trumpington – pelo menos eu, quando estudava no colégio The Leys, acreditava piamente nisso).

Permitam-me examinar isso em termos do desenvolvimento individual. (A propósito: já falei sobre isso de modo mais detalhado, e acho difícil discutir o assunto abreviadamente, a menos que o caricature.) Temos um bebê ficando com fome e desejando comer algo. Se o alimento chega, tudo bem. Mas, se o alimento demora mais do que  $x$  minutos, quando ele chega, não terá mais significado para o bebê. E agora surge a questão: após quanto tempo o alimento não tem mais significado algum?

Temos agora dois bebês: um deles é dotado de um equipamento intelectual que, testado, eventualmente lhe conferiria um QI elevado, e o outro foi dotado abaixo da média. O bebê bem-dotado logo aprende, a partir de certos ruídos específicos, que algum alimento está sendo preparado. Sem verbalizar nada, o bebê diz para si mesmo: “Esse barulho me permite prever que vem aí comida; portanto, espere um pouco!” As chances são de que tudo corra bem. O bebê pouco dotado fica mais à mercê da capacidade de adaptação da mãe e tem uma cifra mais precisa para o símbolo  $x$ .

Será que vocês podem perceber, a partir daí, que o intelecto ajuda a tolerar a frustração? A partir daí pode-se prosseguir até ver que uma mãe pode explorar as funções intelectuais do bebê a fim de se libertar do vínculo proveniente da dependência do bebê. Tudo isso é muito normal, mas se você fornece à criança um equipamento intelectual acima da média o bebê e a mãe podem se conluiar na exploração do intelecto, que se torna cindido – ou seja, cinde a psique da existência psicossomática e do viver.

Acrescente-se a isso um elemento de dificuldade no campo psicossomático, pois o bebê começa a desenvolver, na mente cindida, um falso *self* em termos de vida, sendo verdadeiro o *self*

psicossomático, que fica escondido e talvez perdido. Então, enquanto a matemática superior ganha impulso, a criança fracassa em saber o que fazer com um centavo.

Uma paciente que ajudou a me ensinar isso havia aprendido *O flautista de Hamelin* com muita facilidade, aos cinco ou seis anos. No entanto, ela foi ficando cada vez mais insegura de si mesma, de tal modo que finalmente veio para tratamento a fim de perder sua capacidade intelectual cindida (essa capacidade dava grande orgulho aos pais) e encontrar seu verdadeiro *self*. Na idade de seis ou sete anos, ditou à sua babá, para a revista da família, a história de uma criança, obviamente ela mesma, que estava indo muito bem na escola e que foi gradualmente se tornando deficiente mental. Tinha mais de cinquenta anos quando se libertou, no decorrer de sua análise.

Vocês vão perceber que eu encaro o intelecto como uma coisa boa, mas em meu trabalho posso ver de que modo ele é explorado, e num relato descritivo da personalidade tenho que levar em consideração as incríveis conquistas do intelecto cindido, sem perder de vista a existência psicossomática individual.

Antigamente – há um século – as pessoas falavam de mente e corpo. Para sair do domínio do intelecto cindido, tiveram que postular uma alma. Agora é possível começar com a psique do psique-soma e, a partir dessa base, avançar para a estrutura da personalidade e atingir o conceito do intelecto cindido, que, num caso extremo, e numa pessoa muito dotada intelectualmente, em termos de massa cinzenta, pode funcionar de modo brilhante sem muita referência ao ser humano. Mas é o ser humano que, pela acumulação de experiências assimiladas de modo nebuloso, pode adquirir sabedoria. A única coisa que o intelecto pode fazer é falar sobre a sabedoria. Poder-se-ia citar: “Como pode tornar-se sábio quem fala sobre bois?” (Eclesiástico 38:25).

Assim, segundo o ponto de vista que estou adotando aqui, segue-se que no intelecto cindido não há limites para a adição e a subtração, para a divisão e a multiplicação, exceto aquilo que pode ser determinado pelo computador, que aqui é o cérebro.

bro humano, sem dúvida muito parecido com os computadores que vocês inventam e usam como parte de sua especialidade. Mas há um limite para as somas com as quais um indivíduo pode se identificar, e tal limite diz respeito ao estágio do desenvolvimento da personalidade que o indivíduo alcançou e pode manter.

(Começamos com um tema abrangente demais. O problema é que eu não sei onde parar. Há muito a ser dito.)

Vamos enfocar a divisão.

A divisão não apresenta a menor dificuldade para o intelecto cindido. Na verdade, não há dificuldades nessa área, exceto em termos de computadores e programação. Isso não é vida, isso é cisão de vida. Mas vamos considerar como é que o indivíduo chega à divisão? O estado de unidade é a conquista básica para a saúde no desenvolvimento emocional de todo ser humano. Com base nesse estado, a personalidade unitária pode se permitir a identificação com unidades mais amplas – digamos, a família, o lar ou a casa. *Agora*, a personalidade unitária é parte de um conceito de totalidade mais amplo. E logo vai se tornar parte de uma vida social cada vez mais ampla, incluindo as questões políticas; e (no caso de algumas pessoas) de algo que pode ser chamado de cidadania no mundo.

A base de tal divisibilidade é o *self* unitário, talvez transferido (por medo de ataque) para Deus. E aí retornamos ao monoteísmo e à aquisição de um significado para um, solitário, único; como é veloz a quebra de um em três, a trindade! Três, o número da família mais simples possível.

Quando vocês ensinam a operação de adição, devem se defrontar com crianças do jeito que elas vêm, e certamente reconhecerão três tipos:

1. Aquelas que começam com facilidade com o *um*.
2. Aquelas que não conseguiram o estado de unidade; para elas, o *um* não significa nada.
3. Aquelas que manipulam conceitos restritos a considerações banais de libras, xelins e cents.

Vocês vão se sentir como se iniciassem essas últimas crianças direto na régua de cálculo ou no cálculo diferencial. Por que não pedir-lhes que *adivinhem*, em vez de *calcular*, utilizando assim seus computadores internos? Não vejo por que, em aritmética, há tanta ênfase na *resposta exata*. Que acham do prazer de adivinhar? Que acham de brincar com métodos engenhosos? Suponho que vocês já examinaram todas essas questões, quando pensaram em seu métodos didáticos.

Acho que vocês não deveriam esperar que uma criança que não alcançou o estado de unidade possa apreciar pedaços. Eles são aterradores para a criança e representam o caos. E o que vocês podem fazer? Em tais casos, deixem de lado a aritmética e tentem propiciar um ambiente estável, que possibilite (ainda que tardia e tediosamente) que algum grau de integração pessoal se instale na criança imatura. Pode ser que essa criança seja devotada a um ratinho. Isso é boa matemática, ainda que um tanto malcheirosa. Em termos do ratinho, a criança pode atingir a totalidade que não está podendo ser obtida no *self*. Além disso, o rato pode morrer. Isso é muito importante. Não há morte, exceto considerando-se uma totalidade. Revertendo o raciocínio, o sentido de totalidade da integração pessoal traz consigo a *possibilidade* e realmente a *certeza da morte*; e com a aceitação da morte advém um grande alívio, alívio do medo das alternativas, tais como a desintegração ou os fantasmas – ou seja, a sobrevivência de fenômenos espíritos, para depois da morte da metade somática da parceria psicossomática. Eu diria que crianças saudáveis encaram a morte muito melhor do que os adultos.

Talvez seja útil eu me referir a mais um item que diz respeito ao desenvolvimento. Trata-se da interação entre processos pessoais e provisão ambiental. Às vezes isso é considerado como um equilíbrio entre natureza e criação. Ao pensar nesse problema específico, a maioria das pessoas tende a tomar partido, embora não haja necessidade disso.

Um bebezinho que vem ao mundo herda tendências ao crescimento e ao desenvolvimento, incluindo os aspectos qualitati-

vos do desenvolvimento. Pode-se dizer que, quando tiver um ano de idade, o bebê saberá três palavras; aos dezesseis meses provavelmente vai começar a andar; e aos dois anos estará falando. São esses os nós desenvolvimentais (Greenacre), sendo muito conveniente que uma criança chegue em cada estágio do desenvolvimento dentro do tempo natural e o percorra no intervalo de tempo do nó.

Isso é fácil de dizer, mas deixa de lado o importante fato da dependência. A dependência em relação à provisão ambiental é, no começo, quase que absoluta; rapidamente ela se torna relativa, e a tendência geral é caminhar em direção à independência. A palavra-chave no que tange ao lado ambiental (correspondendo à palavra “dependência”) é “confiabilidade” – confiabilidade humana e não mecânica.

O estudo da adaptação da mãe às necessidades do bebê é fascinante e demonstra que ela começa com uma grande capacidade para conhecer as necessidades do bebê, através de sua capacidade de se identificar com ele. De modo gradual, ela se desadapta e logo luta para se livrar de seu confinamento, ou seja, da preocupação com um bebê e com as necessidades dele. Sem essa provisão ambiental humana, o bebê não faz as gradações desenvolvimentais que são herdadas como tendência. Vocês podem traduzir isso, que diz respeito aos bebês, para uma linguagem que se aplique à idade escolar.

Fora desse campo altamente complexo de estudo, surge uma questão que é concernente à coisa básica: o conceito de unidade.

Para o bebê, a primeira unidade que surge inclui a mãe. Se tudo corre bem, o bebê chega a perceber a mãe e todos os outros objetos e os vê como não-eu, de tal modo que agora há o eu e o não-eu. (O eu pode incorporar e conter elementos não-eu, etc.) Esse estágio dos primórdios do EU SOU só se instala realmente no *self* do bebê na medida em que o comportamento da figura materna é suficientemente bom – no que diz respeito à adaptação e à desadaptação. Assim, a mãe é, no início, um delírio que

o bebê precisa ser capaz de desautorizar, e aí precisa ser substituída pela desconfortável unidade EU SOU, que envolve a perda da segura fusão unitária original "mãe-bebê". O ego do bebê é forte se houver um suporte do ego materno para fazê-lo forte; do contrário, ele é fraco.

Como os distúrbios nessa área afetam o aprendizado e o ensino da aritmética? Sem dúvida eles podem afetar a relação professor-aluno. Todo e qualquer professor precisa saber quando está lidando não com *seu assunto específico*, mas com psicoterapia, ou seja, complementando tarefas incompletas que representam falha parental relativa ou absoluta. A tarefa a que me refiro é fornecer um suporte ao ego onde ele é necessário. O oposto é rir dos fracassos da criança, especialmente quando eles representam o medo de seguir adiante.

Acho que é bem conhecida a importância vital da relação professor-aluno. É assim que os psiquiatras começam, quando se referem a problemas de ensino. A não-confiabilidade do professor faz com que quase toda criança se desintegre. Quando uma criança relata sua dificuldade em fazer somas (ou em História, ou em Inglês), a primeira coisa que se pensa é: talvez esse professor não sirva. Não poucas crianças tiveram obstruído o desenvolvimento de sua aprendizagem em função do sarcasmo do professor. No entanto, eu não censuro o professor tão facilmente. Frequentemente, a criança é insegura ou hipersensível, e, não importa quão cauteloso o professor seja, a criança fica tomada pela desconfiança. Cada caso merece exame acurado, pois não há duas crianças idênticas, mesmo quando a dificuldade das duas é Matemática.

Gostaria de iniciar agora um exame da teoria pedagógica, em termos da teoria do desenvolvimento do indivíduo, mas tenho que deixar isso de lado. Mesmo assim direi que deve ser fascinante ver como, no ensino da Matemática, *a pessoa pode captar o impulso criativo*; talvez seja o gesto lúdico de uma criança, e então a pessoa pode usar isso e o ato de a criança tentar alcançar, fornecendo tudo o que a criança puder aprender, atra-

vés do ensino, até que ela atinja, com o passar do tempo, o impulso criativo. Às vezes, tal trabalho pode ser mais bem feito com uma assistência individual, especialmente se for o caso de fazer algum conserto, por motivo de a criança ter tido experiências infelizes, ou mesmo a experiência de uma pedagogia ruim, que é uma forma de doutrinação.

A criatividade é inerente ao brincar, e talvez não seja encontrável em nenhuma outra parte. O brincar de uma criança pode ser um leve movimento de sua cabeça, de tal maneira que no jogo da cortina contra uma linha, na parede externa, a linha seja num certo momento um, e logo depois, dois. Isso pode ocupar uma criança (ou um adulto) por horas. Será que vocês podem me dizer se um bebê alimentado em dois seios sabe dos dois, ou será que isso, no início, é uma duplicação de um? Talvez vocês consigam captar essas atividades lúdicas, mas não sei como. Aposto que vocês sabem as respostas para esses problemas. Quanto a mim, sinto que preciso voltar ao meu objetivo, que é apenas o tratamento de crianças doentes do ponto de vista psiquiátrico, e a construção de uma teoria do desenvolvimento emocional do ser humano – melhor, mais exata e mais útil.

Para finalizar, eu perguntaria: por que será que a Matemática é o melhor exemplo de um assunto que só pode ser ensinado caso haja continuidade? Caso se perca um estágio, o resto fica sem sentido. Acho que a catapora é responsável por muitos casos de colapso matemático (durante o período letivo da primavera); se vocês tiverem tempo, podem dar uma assistência individual à criança naquilo que ela perdeu enquanto estava em casa, de quarentena.

Pode ser que isso lhes pareça um atoleiro. Mas eu me contento simplesmente em tomar parte de um exercício de fertilização cruzada. Quem sabe que ser híbrido pode resultar da mistura?

## ***Agressão, culpa e reparação***

*Palestra proferida na Progressive League, 8 de maio de 1960*

Gostaria de usar minha experiência de psicanalista para descrever um tema que se repete no trabalho analítico e sempre se reveste da maior importância. Diz respeito a uma das raízes da atividade construtiva. Diz respeito à relação entre construção e destruição. Pode ser que vocês logo reconheçam o tema: ele foi desenvolvido principalmente por Melanie Klein, que reuniu suas idéias sobre o assunto sob o título “A posição depressiva no desenvolvimento emocional”. Se é um nome adequado ou não, é outro problema. O principal é que a teoria psicanalítica evoluiu o tempo todo, e foi Klein quem se interessou pela destrutividade que reside na natureza humana e começou a fazer com que ela adquirisse um sentido em termos psicanalíticos. Foi um progresso importante, que ocorreu na década seguinte à Primeira Guerra Mundial. Muitos de nós sentimos que nosso trabalho não poderia ter sido feito sem esse importante acréscimo às afirmações do próprio Freud a respeito do desenvolvimento emocional do ser humano. O trabalho de Melanie Klein ampliou o de Freud, sem alterar o modo de o analista trabalhar.

Poder-se-ia pensar que o assunto pertence ao ensino da técnica psicanalítica. Caso eu esteja avaliando corretamente a situação, vocês não se importariam com tal fato. Acredito, no

entanto, que o tema seja de importância vital para todas as pessoas que pensam, especialmente porque enriquece nosso entendimento a respeito do significado do termo "sentimento de culpa", por juntar sentimento de culpa e destrutividade à atividade construtiva.

Tudo soa muito simples e óbvio. Aparecem idéias de destruir um objeto, e surge um sentimento de culpa, resultando então num trabalho construtivo. No entanto, o que vamos encontrar na prática é muito mais complicado, e é importante, ao se tentar uma descrição abrangente, lembrar do fato de que constitui uma aquisição no desenvolvimento emocional de um indivíduo o momento em que essa seqüência simples começa a fazer sentido, ou torna-se um fato, ou passa a ser significativa.

É típico dos psicanalistas o fato de, quando tentam enfrentar um assunto subjetivo como esse, pensar sempre em termos do *indivíduo que se desenvolve*. Isso significa retornar a épocas muito remotas e tentar determinar o ponto de origem. Com certeza, seria possível pensar na primeira infância como um estado em que o indivíduo não é capaz de se sentir culpado. Pode-se afirmar então que, numa data posterior, sabemos que (caso haja saúde) a pessoa pode sentir culpa, ou talvez experimentá-la sem que haja registro na consciência. Entre esses dois momentos, existe um período em que a capacidade para o sentimento de culpa está em processo de estabelecimento, e é a esse período que o presente estudo diz respeito.

Não é necessário fornecer idades e datas, mas eu diria que às vezes os pais podem detectar os primórdios de um sentimento de culpa em seus filhos que ainda não completaram um ano de idade, apesar de que ninguém pensaria que uma técnica de plena aceitação de responsabilidade por impulsos destrutivos poderia se instalar de modo firme antes que a criança complete cinco anos. Lidando com esse desenvolvimento, descobrimos que a questão envolve a infância como um todo, particularmente a adolescência. E, se falamos em adolescência, estamos falando em adultos, pois nenhum adulto é adulto o tempo todo. Isso

ocorre porque as pessoas não têm exatamente sua idade; em alguma medida, elas têm todas as idades, ou nenhuma.

De passagem, gostaria de acrescentar que me parece relativamente fácil chegar à destrutividade que existe em nós quando ela está ligada à raiva perante a frustração ou o ódio em relação a algo que desaprovamos, ou quando é uma reação frente ao medo. A dificuldade é cada indivíduo assumir plena responsabilidade pela destrutividade, que é pessoal e inerente a uma relação com um objeto sentido como bom – em outras palavras, que está relacionado ao amor.

A palavra que surge aqui é “integração”, pois, se se concebe uma pessoa totalmente integrada, então tal pessoa assume plena responsabilidade por *todos* os sentimentos e idéias que pertencem ao “estar vivo”. Em contraposição, ocorre um fracasso de integração quando precisamos encontrar fora de nós as coisas que desaprovamos. Paga-se um preço por isso – a perda da destrutividade que na verdade nos pertence.

Estou falando, portanto, de algo que tem que ocorrer em todo e qualquer indivíduo – o desenvolvimento da capacidade de assumir responsabilidade pela totalidade dos sentimentos e das idéias desse indivíduo, estando a palavra “saúde” intimamente relacionada ao grau de integração que torna essa ocorrência possível. Uma coisa pode ser dita a respeito da pessoa saudável: ela não precisa ficar usando o tempo todo a técnica da projeção para lidar com seus impulsos e pensamentos destrutivos.

Vocês compreenderão que estou passando por cima dos estágios mais precoces, aquilo que se pode chamar de aspectos primitivos do desenvolvimento emocional. Será que devo acrescentar que não estou me referindo às primeiras semanas ou meses? Um colapso na área do desenvolvimento emocional básico conduz à doença dos hospitais psiquiátricos, ou seja, à esquizofrenia, que não é tema desta palestra. Aqui, suponho que em cada caso os pais forneceram a provisão essencial que capacitou a criança a iniciar uma existência individual. O que estou

tentando dizer também poderia ser aplicado aos cuidados dispensados a uma criança normal durante um certo estágio do desenvolvimento, ou a uma fase no tratamento de uma criança ou um adulto, pois em psicoterapia nada de novo realmente acontece. O melhor que pode ocorrer durante o tratamento é que se complete, em alguma medida, algo que não havia sido completado no desenvolvimento do indivíduo.

Vou dar alguns exemplos de tratamentos analíticos. Manterei deles apenas os detalhes relevantes para a idéia que estou tentando apresentar.

### *Caso 1*

Um exemplo vem da análise de alguém que também é psicoterapeuta. Ele iniciou a sessão contando-me que viu um de seus pacientes em ação, ou seja, saiu do papel de terapeuta (que lida com o paciente no consultório) e viu seu paciente trabalhando. O trabalho exigia movimentos muito rápidos e era muito especializado, e o paciente estava se desempenhando muito bem nessa tarefa peculiar, em que utilizava movimentos rápidos, os quais, no horário terapêutico, não tinham o menor sentido e faziam-no movimentar-se no divã como se ele estivesse possuído. Meu paciente (o terapeuta desse homem) estava em dúvida sobre o que havia feito, se havia sido bom ou não, ainda que sentisse que provavelmente fora uma boa coisa ter visto seu paciente trabalhando. Meu paciente fez então uma referência às suas próprias atividades nos feriados da Páscoa. Possui uma casa de campo e aprecia muito o trabalho físico e todo tipo de atividade de construção, além de gostar de engenhocas, as quais ele realmente utiliza. Ele continuou então descrevendo sua vida doméstica. Não preciso transmitir tudo isso a vocês em seu colorido emocional, mas simplesmente vou dizer que ele voltou a um tema que tem sido importante em sua análise recente, na qual vários tipos de ferramentas assumem papel de destaque. Em seu caminho para a sessão, geralmente fica algum tempo parado em frente à vitrine de uma loja perto da minha casa, olhando para uma fer-

ramenta motorizada que tem dentes esplêndidos. Esta é a maneira que meu paciente tem de se aproximar de sua agressão oral, o impulso amoroso primitivo em toda a sua crueldade e destrutividade. Poderíamos chamá-la de “comer”. A tendência em seu tratamento é aproximar-se dessa crueldade e, como bem se pode imaginar, a resistência para se chegar a ela é tremenda. (Por acaso, esse homem conhece a teoria, e seria capaz de fazer um relato bem-feito de todos esses processos de modo intelectual, mas ele vem para uma análise de pós-graduação por precisar entrar realmente em contato com seus impulsos primitivos, como uma questão não da mente, mas da experiência instintual e do sentimento corporal.) Há muito mais no conteúdo dessa sessão, inclusive a discussão da questão: pode alguém comer o próprio bolo e continuar a possuí-lo?

Quero extrair um único aspecto disso: o fato de que, quando esse novo material aparecer, relacionado ao amor primitivo e à destruição do objeto, *então já houve* alguma referência ao trabalho construtivo. Quando fiz a interpretação que o paciente buscava, de ele me destruir (“comendo”), pude lembrá-lo do que ele mesmo havia dito a respeito da construção. Pude lembrá-lo de que, do mesmo modo como ele vira seu paciente em ação, e a ação deu sentido a movimentos desajeitados, eu também podia vê-lo trabalhando em seu jardim, usando dispositivos para melhorar sua propriedade. Ele podia cortar paredes e árvores, e apreciava isso muitíssimo, mas se isso viesse separado do objetivo construtivo seria um episódio maníaco sem sentido. Esta é uma característica que aparece regularmente em nosso trabalho, e é o tema de minha palestra desta noite.

Talvez seja verdade que os seres humanos não podem tolerar o objetivo destrutivo em seu amor mais primitivo. A idéia pode ser tolerada, no entanto, se o indivíduo que dela se aproxima tem evidência de um objetivo construtivo já à mão, do qual ele ou ela podem ser lembrados.

Estou me lembrando agora do tratamento de uma mulher. Logo no início cometi um erro que quase colocou tudo a per-

der. Interpretei exatamente isso, seu sadismo oral, o impiedoso engolir do objeto pertencente ao amor primitivo. Eu tinha evidências suficientes nesse sentido e realmente estava certo, mas a interpretação foi dada dez anos antes do tempo. Aprendi minha lição. No longo tratamento que se seguiu, a paciente se reorganizou e tornou-se uma pessoa real e integrada, que podia aceitar a verdade sobre seus impulsos primitivos. Acabou ficando preparada para essa interpretação depois de dez ou doze anos de análise diária.

## Caso 2

Um homem entrou em minha sala e viu um gravador que eu havia alugado. Isso deu-lhe idéias, que ele relatou, ao deitar-se e organizar-se para o trabalho da hora analítica: "Gostaria de pensar que, quando eu tiver terminado o tratamento, aquilo que aconteceu comigo aqui será valioso para o mundo de alguma forma." Tomei nota mentalmente do fato de que essa observação *poderia* indicar que o paciente estava próximo de um desses ataques de destrutividade com os quais eu tive de lidar muitas vezes desde que seu tratamento se iniciara, dois anos antes. Antes do final do horário, o paciente havia alcançado realmente uma nova forma de se relacionar com sua inveja em relação a mim pelo fato de eu estar sendo bom, em alguma medida, como analista. Ele teve o impulso de me agradecer por eu ter sido bom, e por ter sido capaz de fazer o que ele precisava que eu fizesse. Já havíamos passado por isso anteriormente, mas agora, mais do que em outras ocasiões, ele estava em contato com seus sentimentos destrutivos em relação ao que poderia ser chamado de objeto bom. Quando tudo isso estava bem estabelecido, lembrei-o de sua esperança, expressa quando chegara e vira o gravador, ou seja, de seu tratamento ser, por si só, de valor, algo que poderia contribuir para o esforço em prol das necessidades humanas. (É claro que não era *necessário* lembrá-lo disso, pois o que importa é o que havia ocorrido, e não a discussão sobre o que havia ocorrido.)

Quando liguei as duas coisas, ele disse que se sentia bem com isso, mas que seria terrível caso eu tivesse interpretado com base apenas na primeira observação, quer dizer, se eu tivesse tomado o seu desejo como indicação de que ele queria me destruir. O paciente teve que alcançar primeiro o impulso destrutivo, e teve de fazê-lo em seu próprio ritmo segundo sua própria maneira. Não há dúvida de que foi sua capacidade de ter a idéia de que haveria, em última análise, uma contribuição, que tornou possível que ele entrasse em contato mais íntimo com sua destrutividade. Só que o esforço construtivo é falso e desprovido de significado, a menos que, como ele disse, fosse precedido de uma aproximação em relação à destruição. Esse homem sentia que até então não havia um fundamento adequado em seu trabalho; realmente (como ele mesmo me lembrou), essa tinha sido a razão para que iniciasse o tratamento. A propósito: ele se desempenhava bem no trabalho, mas, sempre que se aproximava do sucesso, havia também um sentido de futilidade e falsidade, e uma necessidade de provar sua inutilidade. Esse vinha sendo seu padrão de vida.

### Caso 3

Uma colega está contando o caso de um paciente do sexo masculino. O homem apresenta um material que pode ser adequadamente interpretado como sendo uma situação em que a analista é roubada. Ele de fato diz à analista, após sentir um momento de bom trabalho analítico: “Acho que tenho ódio de você por causa do seu *insight*, que é exatamente o que eu preciso em você; tenho o impulso de roubar tudo aquilo que dentro de você lhe possibilita fazer este trabalho.” Ocorre que, justamente antes disto, ele falara (de passagem) que seria bom ganhar mais dinheiro e aí poder pagar honorários mais altos. Vocês podem ver a mesma coisa neste caso: alcança-se e usa-se uma plataforma de generosidade, de tal forma que, e a partir dela, tem-se um relance da inveja, do roubo e da destrutividade do objeto bom que subjaz à generosidade e que pertence ao amor primitivo.

## **Caso 4**

O próximo excerto provém de uma longa descrição relativa a uma adolescente que está se tratando com uma pessoa que cuida dela em sua própria casa, junto com seus próprios filhos. Esse tipo de arranjo apresenta vantagens e desvantagens.

A garota havia ficado muito doente e, à época do incidente, estava emergindo de um prolongado período regressivo, quando então tornara-se dependente e infantilizada. Deve-se acrescentar que no momento a menina não estava regredida em relação ao lar e à família, mas ainda num estado muito especial na área limitada das sessões de terapia, que aconteciam em hora marcada, à noite.

Em certo momento, a garota expressou um ódio profundo em relação à sra. X (que cuidava dela e fazia seu tratamento). Tudo ia bem durante o resto do dia, mas durante o tratamento a sra. X era destruída repetida e profundamente. É difícil exprimir o grau de ódio que a menina sentia pela sra. X e, na realidade, a aniquilação que promovia em relação a ela. Não era um caso de a terapeuta sair para ver a paciente trabalhando, pois a sra. X tinha a garota sob seus cuidados em tempo integral e havia duas relações separadas se desenvolvendo entre essas duas pessoas, simultaneamente. Durante o dia, acontecia de tudo: a garota começou a querer ajudar a limpar a casa, a lustrar os móveis, a ser útil. Essa ajuda era absolutamente nova e nunca havia sido uma característica do padrão pessoal da garota em casa, mesmo antes de ela apresentar enfermidade aguda.

Eu poderia pensar que deve haver alguns adolescentes que também fazem muito pouco para ajudar em casa: ela não ajudava nem mesmo a lavar os pratos. Portanto, os atos prestativos eram mesmo uma grande novidade e ocorreram silenciosamente (por assim dizer), junto com a profunda destrutividade que a menina começou a descobrir em seus aspectos amorosos primitivos, alcançados na relação com a terapeuta durante as sessões.

Vocês vêem que a idéia se repete. O que tornou possível a atitude construtiva diurna foi, naturalmente, o fato de a paciente

estar se tornando consciente da destrutividade. Mas quero que vocês vejam o inverso: as experiências construtivas e criativas estavam tornando possível que a criança experienciasse sua destrutividade.

Vocês poderão observar um corolário: o paciente precisa de uma oportunidade para contribuir, e é aqui que o assunto se liga à vida comum. Oportunidade para a atividade criativa, para o jogo imaginativo, para o trabalho construtivo – é justamente isso o que procuramos fornecer para todas as pessoas. Voltarei a esse ponto mais adiante.

Gostaria de tentar organizar as idéias que apresentei até agora sob a forma de material clínico.

Estamos lidando com um aspecto do sentimento de culpa que provém da tolerância aos impulsos destrutivos do amor primitivo. A tolerância aos impulsos destrutivos resulta numa coisa nova: a capacidade de ter prazer em idéias, mesmo que sejam idéias destrutivas, e as excitações corporais a elas correspondentes, ou às quais elas correspondem. Tal desenvolvimento dá espaço para a experiência da preocupação, que em última análise é a base de tudo aquilo que for construtivo.

Vocês perceberão que vários pares de palavras podem ser usados, de acordo com o estágio de desenvolvimento emocional que está sendo descrito:

Aniquilação ... criação

Destruição ... recriação

Ódio ... amor reforçado

Ser cruel ... ser terno

Sujando ... limpando

Danificando ... reparando

e assim por diante.

Permitam-me formular minha tese nos seguintes termos: se quiserem, podem observar a maneira como uma pessoa repara, e dizer, com ar de esperteza: “Ah, isso significa destruição

inconsciente.” Mas o mundo não vai melhorar muito caso vocês ajam assim. Por outro lado, pode ser que vocês percebam, na reparação de alguém, que essa pessoa está construindo uma força pessoal que possibilita a tolerância da destrutividade pertencente à sua natureza. Vamos dizer que vocês de algum modo interrompam a reparação, e então essa pessoa se torna incapaz, em alguma medida, de assumir a responsabilidade por seus impulsos destrutivos, e o resultado clínico será a depressão ou então uma busca de alívio através da descoberta da destrutividade em outro lugar – ou seja, através do mecanismo de projeção.

Para terminar esta rápida exposição de um assunto tão vasto, permitam-me fazer uma lista de algumas aplicações, no dia-a-dia, do trabalho que subjaz ao que eu disse:

1. De alguma maneira, a oportunidade para contribuir nos ajuda a aceitar a destrutividade – que é básica, faz parte de nós mesmos e pertence ao amor –, que é o comer.

2. Propiciar a oportunidade e estar perceptivo quando as pessoas revelam momentos construtivos nem sempre funciona, e podemos ver por que isso deveria acontecer dessa maneira.

3. Damos oportunidade para que alguém contribua, e podemos chegar a três resultados:

- a) Era justamente isso o que era necessário.

- b) A oportunidade é utilizada de modo falso, e eventualmente as atividades construtivas tornam-se ausentes, pois são sentidas como falsas.

- c) A oportunidade oferecida a alguém que é incapaz de se aproximar da destrutividade pessoal é sentida como uma re-provação, e o resultado clínico é desastroso.

4. Podemos utilizar as idéias que discuti para gozar de um entendimento intelectual a respeito do modo como funciona o sentimento de culpa, estando no ponto em que a destrutividade se transforma em construtividade. (Deve-se assinalar que o sentimento de culpa ao qual me refiro geralmente é silencioso, não-consciente. É um sentimento de culpa potencial, anulado pelas

atividades construtivas. O sentimento clínico de culpa, que se constitui como um obstáculo consciente, é outra questão.)

5. A partir daí, alcançamos algum entendimento sobre a destrutividade compulsiva que pode aparecer em qualquer lugar, mas que é um problema especial na adolescência e uma característica comum da tendência anti-social. Ainda que a destrutividade seja compulsiva, é mais honesta do que a construtividade não alicerçada no sentimento de culpa, que surge da aceitação dos impulsos destrutivos dirigidos ao objeto sentido como bom.

6. Essas questões se relacionam às coisas tremendamente importantes que estão se desenrolando de modo um tanto obscuro quando os pais estão proporcionando um bom começo de vida a seu bebê.

7. Finalmente, chegamos à fascinante questão filosófica: pode alguém comer seu próprio bolo e continuar a possuí-lo?

## ***A delinqüência como sinal de esperança***

*Palestra proferida na Borstal Assistant Governors' Conference, no King Alfred's College, Winchester, abril de 1967*

Ainda que o título de minha palestra tenha sido incluído no programa como “A delinqüência como sinal de esperança”, eu preferiria falar a respeito da “tendência anti-social”. A razão é que esse termo pode ser aplicado a tendências que aparecem na extremidade normal da escala, de vez em quando em nossos próprios filhos ou em crianças que vivem em bons lares, e é aqui que se pode ver melhor a conexão que creio existir entre a tendência e a esperança. Quando o menino ou a menina ficaram empedernidos pela falta de comunicação, o ato anti-social não sendo algo em que se reconheça um S.O.S., ou quando ganhos secundários tornaram-se importantes, e já se alcançou grande perícia em alguma atividade anti-social, então fica mais difícil ainda enxergar (apesar de ainda estar lá) o S.O.S., que é um sinal de esperança no menino ou na menina anti-sociais.

A segunda coisa que quero deixar clara é que sei que não posso fazer o trabalho de vocês. Em função de meu temperamento, não sirvo para fazê-lo; de qualquer maneira, não sou nem grande nem alto o suficiente. Tenho certas habilidades e um certo tipo de experiência, e é algo a ser verificado se existe ou não algum caminho entre as coisas que sei e o trabalho que vocês desenvolvem. Pode acontecer que nada do que eu diga vá ter efeito sobre o que vocês vão fazer quando voltarem ao traba-

lho. No entanto, pode haver algum efeito de tipo *indireto*, pois, às vezes, pode lhes parecer um insulto à natureza humana que a maioria dos rapazes e das moças com quem vocês lidam tendam a tornar-se um incômodo. Vocês tentam relacionar a delinquência que têm à sua frente com assuntos gerais, tais como a miséria, habitações pobres, lares rompidos, delinquência parental, e um colapso da provisão social. Gostaria de sentir que, como resultado daquilo que tenho a dizer, vocês serão capazes de ver de modo um pouco mais claro que, *em todos os casos que aparecem em seu caminho, houve um começo*, e no começo havia uma doença, e o menino ou a menina tornou-se *uma criança carente*. Em outras palavras, existe um sentido naquilo que ocorreu num determinado momento, ainda que, à época em que cada pessoa aparece para ser cuidada, esse sentido geralmente se tenha perdido.

O terceiro ponto que eu gostaria de esclarecer diz respeito ao fato de que sou psicanalista. Não estou apregoando que a psicanálise tem uma contribuição direta a oferecer ao trabalho de vocês. Se tiver, é algo recente, e eu mesmo trabalho na tentativa de formular uma teoria que seja valiosa por ser verdadeira, e até certo ponto derive do entendimento obtido através da psicanálise.

Nesse momento, chego à minha tese principal, que, na verdade, não é de modo algum complexa. De acordo com meu ponto de vista, que se baseia na experiência (embora seja uma experiência, admito abertamente, com crianças menores, que estão próximas da origem de seus problemas, e não provêm das piores condições sociais), a *tendência anti-social está inerentemente ligada à privação*. Em outras palavras, um fracasso específico é mais importante do que um fracasso social geral. Para a criança que é o objeto de nosso estudo, pode-se dizer que as coisas *iam bem, mas, de repente, começaram a não ir tão bem assim*. Ocorre uma modificação que altera a vida inteira da criança, e essa modificação ambiental acontece quando a criança já tem idade suficiente para entender as coisas. Não que

a criança pudesse vir aqui e fazer uma conferência sobre si mesma, mas, caso se lhe ofereçam condições propícias, ela é capaz de reproduzir o que aconteceu pelo fato de, à época do ocorrido, já ser desenvolvida o suficiente para se conscientizar do evento. Em outras palavras, em condições especiais de psicoterapia, a criança é capaz de se lembrar, em termos do material produzido, no brincar, nos sonhos ou no falar, das características essenciais da privação original. Gostaria de comparar essa situação com distúrbios ambientais ocorridos num estágio mais primitivo do desenvolvimento emocional. Um bebê privado de oxigênio não sai por aí esperando convencer alguém de que, se tivesse havido oxigênio suficiente, estaria tudo bem. Perturbações ambientais que distorcem o desenvolvimento emocional de um bebê não produzem tendências anti-sociais; produzem distorções da personalidade que redundam em psicoses, que a levam de um hospital mental a outro, ou então sua vida vai seguindo com algumas distorções aqui e ali, no teste de realidade, e assim por diante, talvez do tipo de distorção que é socialmente aceito. A tendência anti-social não se relaciona com uma carência, mas sim com uma privação.

A característica da tendência anti-social é o impulso que dá ao menino ou à menina para que voltem a um momento anterior à condição ou momento de privação. Uma criança que tenha sido submetida a tal privação sofreu inicialmente uma ansiedade impensável, e então reorganizou-se gradualmente, até atingir um estado razoavelmente neutro: fica concordando com tudo, pelo fato de que uma criança não pode fazer nada mais além de concordar. Tal estado pode ser razoavelmente satisfatório, do ponto de vista das pessoas que dirigem o local. Então, por uma razão ou por outra, começa a surgir a esperança; isso significa que a criança, sem ter a menor consciência do que está ocorrendo, começa a sentir um impulso de voltar para antes do momento da privação, e assim desfazer o medo da *ansiedade impensável ou da confusão que existiam antes que se organizasse o estado neutro*. É exatamente esse o aspecto enga-

noso que pessoas que cuidam de crianças anti-sociais precisam conhecer, se quiserem ver sentido no que está se passando em torno delas. Toda vez que as condições fornecem um certo grau de novas esperanças, *então a tendência anti-social transforma-se numa característica clínica: a criança torna-se difícil.*

Nesse ponto, é necessário ver que estamos falando de dois aspectos da tendência anti-social. Gostaria de relacionar um desses aspectos à interação da criança pequena com a mãe; e o outro com o desenvolvimento posterior, que constitui a interação da criança com o pai. O primeiro se refere a toda criança, e o segundo se refere aos meninos. O primeiro tem a ver com o seguinte fato: em sua adaptação às necessidades da criança, a mãe capacita o filho a encontrar objetos de modo criativo. Ela o inicia no uso criativo do mundo. Quando isso falha, a criança perde contato com os objetos, perde a capacidade de encontrar qualquer coisa criativamente. No momento de esperança, a criança alcança um objeto – e o rouba. É um ato compulsivo e a criança não sabe por que age assim. Muitas vezes, a criança se sente louca por ter tido uma compulsão de fazer algo sem saber por quê. Naturalmente, a caneta-tinteiro roubada da Woolworth's não satisfaz; não é o objeto que estava sendo procurado; de qualquer modo, a criança está procurando a capacidade de encontrar, e não buscando um objeto. No entanto, pode haver alguma satisfação naquilo que ela faz durante um momento de esperança. A maçã roubada do pomar é um caso mais limítrofe. Pode ser que esteja madura, pode ter um gosto agradável e pode ser divertido ser perseguida pelo fazendeiro. Por outro lado, pode ser que a maçã esteja verde e, se for comida, provoque dor de estômago no menino; pode ser também que ele não coma aquilo que roubou, mas simplesmente jogue tudo fora, ou que ele organize o roubo sem correr o risco de ter que trepar no muro ele próprio. Essa seqüência mostra a transição da brincadeira normal para o ato anti-social.

E assim, caso examinemos o primeiro tipo de expressão da tendência anti-social, podemos chegar a algo que, de tão co-

mum, chega a ser normal. O filho de alguns de vocês reivindica o direito de ir à despensa e pegar um pãozinho; ou o filhinho de dois anos de outros de vocês faz uma exploração na bolsa de suas esposas e tira uma moeda. Caso examinemos todos os graus, encontramos, num extremo, algo que está se enrijecendo como ato compulsivo sem significado e sem produzir satisfação direta, mas florescendo enquanto habilidade; e, em outro extremo, existe algo que acontece repetidamente em toda família: uma criança reage à privação, mesmo que relativa, fazendo uso de algum ato anti-social, e os pais respondem de modo indulgente durante um certo período, no qual pode-se ver bem que a criança está passando por uma fase difícil.

Quero examinar, paralelamente, a privação em termos da criança e do pai; o princípio, no entanto, é o mesmo. A criança – no momento falo de um menino; mesmo que seja uma menina, continuo falando sobre o menino que há na menina – descobre que é seguro ter sentimentos agressivos e ser agressivo, por causa do quadro de referências da família, que representa a sociedade de forma localizada. A confiança da mãe em seu marido, ou no apoio que vai conseguir, caso o solicite, da sociedade local, talvez o apoio de um policial, cria a possibilidade de a criança explorar rudemente atividades destrutivas que se relacionam ao movimento em geral, e mais especificamente à destruição relacionada à fantasia que se acumula em torno do ódio. Nesse caminho (por causa da segurança ambiental, da mãe sendo apoiada pelo pai, etc.), a criança torna-se capaz de fazer uma coisa muito complexa, ou seja, integrar seus impulsos destrutivos com os amorosos, e o resultado, quando tudo corre bem, é que a criança reconhece a realidade das *idéias* destrutivas que são inerentes, na vida, ao viver e ao amor, e encontra modos e maneiras de proteger de si mesma pessoas e objetos valorizados. Na verdade, a criança organiza sua vida de modo construtivo, a fim de não se sentir muito mal em relação à destrutividade real que passa por sua mente. Para adquirir isso em seu desenvolvimento, a criança *requer, de modo absoluto, um*

*ambiente que seja indestrutível em certos aspectos essenciais:* com toda certeza, os tapetes vão ficar sujos, as paredes terão que receber papel novo e às vezes uma vidraça será quebrada, mas, de alguma forma, o lar se mantém coeso, e por trás de tudo está a confiança que a criança tem na relação dos pais; a família é uma empresa que continua funcionando. Quando ocorre uma privação, em termos de um rompimento do lar, especialmente se houver uma desavença entre os pais, ocorre uma coisa muito séria na organização mental da criança. De repente, suas idéias e seus impulsos agressivos tornam-se inseguros. Penso que imediatamente a criança assume o controle que acabou de ser perdido e identifica-se com o novo quadro de referências familiar. Resultado: a criança perde sua própria impulsividade e espontaneidade. O nível de ansiedade é tão alto que o ato de experimentar, que poderia fazê-la chegar a um acordo com a própria agressividade, torna-se impossível. Segue-se um período que pode ser outra vez (como no primeiro tipo de privação) razoavelmente satisfatório do ponto de vista daqueles que cuidam da criança, no qual o menino está mais identificado com os tutores do que com seu próprio *self* imaturo.

Nesse tipo de caso, a tendência anti-social faz com que o menino se redescubra sempre que sinta alguma esperança de retorno da segurança, o que significa uma *redescoberta da própria agressividade*. É claro que ele não sabe o que está ocorrendo; simplesmente descobre que machucou alguém ou que quebrou uma vidraça. Portanto, nesse caso, em vez de a esperança levar a um sinal de S.O.S. em termos do roubo, ela conduz a um sinal de S.O.S. em termos de uma *explosão de agressão*. A agressão provavelmente será sem sentido e bem divorciada da lógica, e não é bom perguntar à criança que age dessa forma por que ela quebrou a janela, nem indagar à criança que roubou o motivo pelo qual ela pegou o dinheiro.

Esses dois tipos clínicos de manifestação de tendência anti-social estão realmente relacionados entre si. De modo geral, é simplesmente o caso de que o roubar se relaciona com uma pri-

vação que ocorreu muito antes da explosão agressiva, durante o desenvolvimento emocional da criança. Há algo em comum na reação social a ambos os tipos de comportamento anti-social durante esse momento de esperança. Quando a criança rouba, ou é agressiva, a sociedade é suscetível não apenas de não perceber a mensagem, mas (mais do que provável) vai se sentir estimulada a responder moralmente. A reação maciça natural é em direção à punição pelo roubo e à explosão maníaca, e não se poupam esforços para obrigar o jovem criminoso a dar uma explicação, em termos lógicos, que, na realidade, não se aplicam. No final de umas poucas horas de inquérito insistente, evidências de impressões digitais, etc., as crianças anti-sociais vão se sair com algum tipo de confissão e explicação, simplesmente para pôr um fim ao inquérito intolerável e interminável. Essa confissão não tem, no entanto, o menor valor, porque, mesmo que possa conter fatos verdadeiros, não pode chegar à verdadeira causa ou à *etiologia* da perturbação. Na verdade, é desperdício de tempo ficar extorquindo confissões ou organizar comissões de apuração de fatos.

Embora o que tem sido afirmado aqui possa não ter ligação com o manejo diário de um grupo de meninos ou meninas, é necessário examinar a situação, pois em certas circunstâncias pode ser que a teoria tenha alguma aplicação prática. Seria possível, por exemplo, a alguém que esteja encarregado de um grupo de meninos delinquentes, organizar contato pessoal do tipo terapêutico? Em certo sentido, desde que funcione, toda comunidade é terapêutica. As crianças não têm nada a ganhar vivendo num grupo caótico e, mais cedo ou mais tarde, caso não haja uma direção forte, aparece um ditador entre as crianças. No entanto, há um outro significado para a palavra “terapêutico” que diz respeito a se colocar numa posição na qual alguém possa se comunicar em nível profundo.

Acho que na maioria dos casos é impossível para as pessoas que diuturnamente cuidam desses meninos fazerem em si mesmas os ajustes necessários que as capacitariam a permitir

um contato pessoal ou algum tipo de psicoterapia. Eu jamais aconselharia alguém a tentar usar os dois métodos. No entanto, eu pensaria, ao mesmo tempo, que alguns poderiam se incumbir desses assuntos, e que os rapazes (ou as moças) poderiam ganhar muito com sessões terapêuticas especializadas. Deve-se enfatizar, contudo, *a enorme diferença que existe na atitude de vocês, quando estão sendo responsáveis pela direção total, e quando estão numa relação pessoal com a criança*. Para começar, as atitudes em relação à manifestação anti-social são bem diferentes nos dois casos. Para alguém que cuida de um grupo, a atitude anti-social é simplesmente inadmissível. Na sessão terapêutica, não se coloca a questão da moralidade, a não ser a que surge da própria criança. A sessão terapêutica não é um comitê de apuração de fatos, e quem quer que esteja realizando o trabalho terapêutico não está preocupado com a verdade objetiva, e sim com aquilo que o paciente sente como real.

Há algo aqui que pode ser transplantado diretamente da psicanálise, já que psicanalistas sabem muito bem que em determinadas sessões com seus pacientes são acusados de algo de que são inocentes. Os pacientes podem acusá-los de mudar algum objeto da sala só para enganá-los; ou podem sentir com segurança o favoritismo do analista por outro paciente, etc. Estou me referindo ao que se denomina "transferência delirante". Para o analista que não sabe se defender, poderia ser muito natural dizer que o objeto está no mesmo lugar, ou que houve apenas um erro, ou que ele fez o melhor que pôde para não ficar favorecendo ninguém. Agindo dessa forma, o analista *não vai usar o material que o paciente apresenta*. O paciente está vivendo no presente algo que tem realidade em algum ponto de seu passado e, caso o analista se permita ficar no lugar para ele designado, vai haver um desfecho, no sentido de que o paciente vai se recuperar do delírio. Devido à necessidade de o analista aceitar o papel designado no momento pelo paciente, deverá ser muito difícil trocar o papel de direção de um grupo para uma aceitação individual; mas, se isso puder ser feito, a recom-

pensa talvez seja enorme. Aos que desejam tentar, no entanto, é necessário lembrar que esse não é o tipo de trabalho que pode ser empreendido superficialmente. Se a entrevista com um menino é marcada para as terças-feiras, às três horas da tarde, esta tem que ser uma *data sagrada*, e nada deve interferir. O menino não vai tirar proveito de um encontro, a não ser que ele se torne previsto, por ser confiável, e é claro que um dos primeiros modos de aproveitá-lo, caso sinta confiabilidade, é o desperdício. Deve-se aceitar e tolerar tais crises. Não há necessidade de que o indivíduo no papel de psicoterapeuta seja inteligente. A única coisa necessária é o desejo de se envolver, naquele período de tempo particular, limitado, com o que quer que lá ocorra ou apareça através da cooperação inconsciente que o paciente produz, a qual logo se desenvolve e desencadeia um processo poderoso. É esse processo nas crianças que torna essas sessões valiosas.

## Discussão

Durante a discussão que houve após a palestra, um dos assistentes fez a seguinte pergunta: como reconhecer, num grupo de meninos, aquele que poderia ser escolhido para esse tipo de tratamento? Minha resposta, que teve que ser breve, foi de que se deveria escolher um menino que tivesse acabado de esquentar a temperatura do local pela circunstância de ser especialmente difícil. Esse problema clínico especial, que vai resultar em punição ou enrijecimento posterior, pode ser usado como uma comunicação indicativa da nova esperança.

A questão é: que esperança é essa? O que a criança espera fazer? É difícil responder a essa questão. A criança, sem sabê-lo, espera conseguir levar alguém que a ouça a recordar-se do momento de privação ou da fase em que a privação consolidou-se numa realidade inescapável. A esperança é que o menino ou a menina seja capaz de reexperimentar, na relação com a pessoa que está agindo como psicoterapeuta, o intenso sofri-

mento que precedeu a reação à privação. No momento em que a criança usou o suporte dado pelo terapeuta para alcançar o intenso sofrimento daquele fatídico momento ou período de tempo, segue-se uma memória da *época anterior à privação*. Dessa forma, a criança chega à capacidade perdida de encontrar objetos, ou à segurança perdida do quadro de referências. A criança recupera uma relação criativa com a realidade externa, ou com o período em que a espontaneidade era segura, mesmo que envolvendo impulsos agressivos. Nesse momento, o voltar foi feito sem roubo e sem agressão, porque é algo que acontece automaticamente, como resultado da chegada da criança àquilo que previamente havia sido intolerável: o sofrimento reativo à privação. Por sofrimento, entendo um estado de confusão, de desintegração da personalidade, um cair para sempre, uma perda de contato com o corpo, uma desorientação completa, e outros estados dessa natureza. Assim que alguém tenha levado uma criança a essa área, e a criança tenha passado pela experiência de lembrá-la e do que ocorreu antes, então a pessoa não vai ter nenhuma espécie de dificuldade em entender por que as crianças anti-sociais ficam a vida inteira procurando por ajuda dessa espécie. Essas crianças não podem reconciliar-se com suas próprias vidas até que alguém tenha feito a regressão com elas, capacitando-as a lembrar, através do retorno ao resultado imediato da privação.

[O dr. Winnicott tentou fazer com que esse ponto ficasse mais claro dando como exemplo o início de uma entrevista com um menino que lhe fora trazido porque roubara. O menino estava indolentemente recostado na cadeira colocada ao lado, em sua sala, para um dos pais. Seu pai estava se comportando muito bem, como que substituindo a criança, enquanto a criança extensiva de fazer com que o menino se comportasse teria impedido a possibilidade de fazer uso produtivo daquela hora. Gra- dualmente, o menino se deteve num certo tipo de jogo. O pai pôde ir para a sala de espera e seguiu-se então uma comunicação cada

vez mais profunda entre o menino e o terapeuta. No fim de uma hora, o menino conseguiu lembrar e descrever, com pleno sentimento, o instante difícil que não havia sido capaz de enfrentar anos atrás, quando se sentira abandonado num hospital.

A descrição foi dada para ilustrar o modo como a pessoa que faz o trabalho de psicoterapia precisa abandonar temporariamente tudo aquilo que foi usado no manejo de um grupo, ainda que, é claro, antes do término do tempo destinado, precise haver um retorno à atitude geral que torna possível o funcionamento do grupo. O dr. Winnicott repetiu que não tinha certeza de que nos grupos Borstal fosse possível combinar o manejo geral com o trabalho individual, mesmo que fosse com um ou dois meninos de cada vez. Ele sentiu, no entanto, que podia haver algum benefício a partir da tentativa de descrever as dificuldades inerentes e também as possíveis recompensas.]